

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Especialização em Educação Integral

Maria Cristina Fabi

OS JOGOS TEATRAIS E AS POSSIBILIDADES DE AÇÃO E  
INTERAÇÃO COM E ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO  
MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA INTEGRAL

Florianópolis, Santa Catarina

2013

## **OS JOGOS TEATRAIS E AS POSSIBILIDADES DE AÇÃO E INTERAÇÃO COM E ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DE ESCOLA PÚBLICA INTEGRAL**

Maria Cristina Fabi

Resumo: O presente artigo pretende refletir sobre a utilização dos Jogos Teatrais de Viola Spolin no procedimento artístico pedagógico de formação de estudantes de Ensino Médio na Escola Estadual Básica Dom Jaime de Barros Câmara em regime de Tempo Integral. O Objetivo deste trabalho de pesquisa é pensar o papel do teatro na formação total do educando, na busca da verdadeira finalidade da educação, que é a felicidade.

Palavras-chave: corpo, expressão, teatro, escola de tempo integral.

Expressão, ação ou inércia, de um corpo que é moldável, doutrinável. A escola exerce papel importante na construção de um corpo expressivo ou inexpressivo.

Para a criança que a partir dos 6 anos de idade inicia sua jornada escolar, já lhe é indicado: sentar, parar, permanecer! Nessas posições ela deverá assistir às aulas. Se exigimos que fiquem sentadas quietas, que só levantem-se quando necessário, já que as tarefas a serem executadas requerem a quase imobilidade física, ao contrário, na aula de educação física, os corpos poderão ser despertados, trabalhados, exercitados. Apenas, e, durante essas aulas, o corpo passa a ser parte integrante da criança. O corpo torna-se uno. Corpo/mente. Pensamento/inteligência, corpo/sentidos.

Como afirma Strazzacappa:

O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de uma forma ou de outra estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é educação do corpo: a educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando (STRAZZACAPPA, 2001, p. 79).

Para o teatro, o corpo é o instrumento fundamental de trabalho, que requer a “vivência do momento, em sua presença expressiva, materializando (...) os pensamentos, as reflexões, as sensações e os sentimentos” ( PEDROSO, 2007, p.3). É o comunicar-se com o outro, com o mundo, o estar presente, o experimentar o aqui e agora da existência. Como afirma Merleau-Ponty (1999, p. 142), “ser uma experiência, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles ao invés de estar com eles”.

Para Aristóteles, a experiência é transformada por emoções e essa seria uma das funções da arte: provocar emoções que levam o espectador a se comover, a vivenciar, mediante a catarse, modificações de si mesmo. A arte teria, nesse sentido, a capacidade de transformar o indivíduo, ou ao menos de abrir a possibilidade para que um indivíduo possa se modificar, se torne outro.

Se a arte for vista a partir desta perspectiva e o teatro em particular, a sua inserção no ambiente escolar nos leva a indagar como ela poderia criar condições para que crianças e jovens assumam o papel de protagonistas em seus percursos de aprendizado e formação e possam se tornar outro, modificando a sua condição existencial, tendendo para o fim mais elevado da educação que é tornar o homem mais feliz? Poderiam as atividades teatrais

contribuir com a qualidade das relações interpessoais, com a busca do autoconhecimento, na desinibição, com os processos de socializações, com o espírito de iniciativa e ainda com o senso de alteridade?

Consideramos que a experiência teatral pode facilitar o aprendizado nas demais disciplinas do currículo, bem como o desenvolvimento de habilidades para toda a vida, tornando os educandos mais plenos.

Com a publicação em 1996 da Lei de Diretrizes e Base – LDB – (Lei 9394/96), a arte foi reconhecida como área de conhecimento no currículo escolar. O ensino do teatro nas escolas foi implementado a partir das sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998).

No presente artigo, focalizarei o ensino do teatro dentro da perspectiva da escola de tempo integral, contando as experiências que venho desenvolvendo com alunos de ensino médio na EEB Dom Jaime de Barros Câmara. O fio condutor desse trabalho são os Jogos Teatrais de Viola Spolin. Viola Spolin desenvolveu um sistema de atuação com base em pesquisas realizadas durante as décadas de 1960 e 1970. Esse sistema sugere como peças fundamentais do jogo: o *foco* (ou ponto de concentração) para que o jogador possa perceber e resolver o exercício proposto; a *instrução* contínua elaborada durante o processo, pelo professor ou orientador; a *plateia* constituída por parte do grupo de trabalho e a *avaliação* coletiva dos resultados realizada, conjuntamente, pelos jogadores atuantes e observadores. Deve ter como ponto de partida o papel (*quem*), a ação (*o que*) e o espaço (*onde*); e o foco como objetivo.

Com os Jogos Teatrais, o aluno brinca, joga, cria, imagina, desenvolvendo dessa forma a criatividade e a imaginação. Interage, socializa, se arrisca, propõe novas soluções. Durante os exercícios de improvisação, são trabalhados o raciocínio e a criatividade. As relações são potencializadas, a escuta ao outro é requisitada, os jogadores trabalham o olhar, pois no jogo teatral o corpo todo age. Há uma interação corpo/pensamento. O corpo como parte integrante age, ação mediada pelo pensamento, potência de ação. O corpo passa do estado de inércia ao estado de atenção e ação. O corpo é presença. Desenvolver a percepção da presença cênica aliada ao olhar, a respiração e a voz é aprimorar a consciência plena, um dos objetivos que buscamos.

Como afirma Merleau-Ponty, (1999, p.142), “ser uma consciência, ou antes, ser uma experiência, é comunicar-se interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles ao invés de estar ao lado deles”. Segundo o autor a percepção está relacionada à

atitude corpórea. A apreensão dos sentidos se faz pelo corpo, a partir das diferentes sensações que o olhar apreende sobre o mundo.

Para Merleau-Ponty, a percepção do corpo é confusa na imobilidade, pois lhe falta a intencionalidade do movimento. As sensações aparecem como reações a objetos, levando a criação gestual, não à representação, já que a cada nova situação a reação correspondente será igualmente nova. Esse campo das sensações e reações corpóreas é estendido as mais diversas situações existenciais.

[...] o que me importa, antes de tudo, é mostrar que jogar é uma experiência: sempre uma experiência criativa, uma experiência situada no continuum espaço-tempo, uma forma fundamental de vida. Jogar para descobrir, o outro, a si, e o mundo. Essa experiência propõe descobertas de sentido relevantes no jogo com situações imaginárias e com a realidade exterior (Winnicott 1975).

Jogar com a imaginação é transportar-se para uma situação diferente da real e a partir de “um outro” lugar, de um outro ponto de vista, olhar para uma situação por uma outra perspectiva, outro viés, propondo novas soluções, outras possíveis saídas para um determinado problema. Os jogos teatrais podem se tornar meio facilitador no aprendizado das demais disciplinas, já que contribui para a melhora no raciocínio, na vivência de novas experiências, como meio facilitador do processo ensino-aprendizagem, uma vez que trabalha com respostas a estímulos imediatos.

No jogo a criança está sempre mais além do que a sua média de idade, mais além do que seu comportamento cotidiano (...) O jogo contém, de uma forma condensada, como se estivesse sob o foco de uma lente poderosa, todas as tendências do desenvolvimento; a criança, no jogo, é como se se esforçasse para realizar um salto acima do nível do seu comportamento habitual (Vgostsky *apud* Veer e Valsiner 2001, p. 12).

O trabalho que desenvolvo com adolescentes das turmas de primeiras e segundas séries do ensino médio da EEB Dom Jaime de Barros Câmara, acontece em encontros semanais com duração de duas horas/aula por semana, dentro do currículo de cultura. Esses encontros se dão no espaço do Centro Social do Ribeirão da Ilha, espaço situado em frente ao prédio da escola, composto por um salão onde há um pequeno palco, espaço suficiente e adequado ao processo.

O grupo desloca-se até o Centro Social e reúne-se em círculo. Começamos nosso trabalho preparando corpo e voz para os jogos. Em seguida, são executados os movimentos de caminhada pelo espaço, exercício bastante utilizado por grupos de teatro, em que um dos

objetivos é o de manter o corpo alerta, consciente do espaço, dos outros e de si, enquanto corpo que tem presença.

Após a caminhada iniciamos os jogos de improvisação, onde cada jogo visa atingir um objetivo específico. Todo jogo tem um sistema de regras, e trabalha com os POC, isto é, pontos de concentração. Esses POC são os focos de atenção e ação, em que os jogadores devem se manter durante todo o jogo. O Quem, o Onde e o Que. O grupo é dividido entre atores e plateia. Enquanto um grupo mostra sua improvisação, o outro assiste. A plateia assiste sem fazer comentários, estes são feitos após o término do exercício.

Quanto à orientação para os comentários, que sejam observados os POC, sempre encaminhando as falas para um processo construtivo, isto é, as críticas, devem ser feitas com objetivo de contribuição com os colegas, a fim de que haja uma melhor qualidade de ação, no próximo jogo. Os jogadores são orientados a jogar, vivenciar e não representar, pois essa é a dinâmica dos jogos, estar em jogo sem perder a dimensão do momento, foco no jogo, em si e no outro. O grupo joga, improvisa e cria.

Para encerrar a aula, o grupo volta para a formação de círculo, no qual se faz uma avaliação do encontro. Os alunos relatam a experiência pessoal sobre os trabalhos, avaliam a proposta do dia e comentam sobre seus aprendizados.

Os jogos e as dinâmicas propostas sempre são planejados levando em consideração a necessidade dos grupos, na expectativa de desenvolvimento de ações e expressões, para uma melhor qualidade no desempenho das relações dentro e fora do espaço escolar.

A seguir, transcrevo a avaliação de alguns alunos, sobre as aulas, quando lhes foi perguntado o seguinte: qual a importância das aulas de teatro na escola?

Relato dos alunos

Lucas Cardozo, 2<sup>a</sup>. Série do Ensino Médio

“É importante para o desenvolvimento do corpo, a pessoa se solta mais. Com as aulas, a gente aprende a improvisar conteúdos do cotidiano. Quando eu saio das aulas, saio mais pronto para as outras aulas”.

Gabriela Corrêa, 2<sup>a</sup>. Série do Ensino Médio

“As aulas de teatro, nos ajudam a perder a vergonha, nos fazem ser mais ativos, ter mais expressão corporal. Eu aprendo a me expressar, sem precisar nem usar palavras”.

Andrew Hammer da Silveira, 2<sup>a</sup>. Série do Ensino Médio

“As aulas são bem dinâmicas, ajuda a se soltar, quando saímos da aula, notamos que estamos mais alegres, com mais ânimo, trabalhamos muito com o corpo e também com o pensamento, quando precisamos imaginar objetos que se transformam em várias coisas diferentes”.

Yasmim Dutra, 2<sup>a</sup>. Série do Ensino Médio

“O teatro ajuda na criatividade, em pensar formas de andar, ver, sentir, etc. Na forma de se expressar, usar objetos de uma forma diversificada da normal. Perder a vergonha e conseguir demonstrar aquilo que você é”.

Andressa Marx, 2<sup>a</sup>. Série do Ensino Médio

“Percebi que todos têm capacidade para improvisar”.

Potência de ação, potência de desejo, força em movimento, segundo Espinosa, as relações são potencializadas, revigoradas. Essas relações se dão entre os estudantes e, também entre estes e a professora, que corre os mesmos riscos, vivendo experiências paralelas às dos alunos, gerando aproximação e estreitamento, potencializando criação. Essa potência de que Espinosa nos fala é a potência de sermos afetados por corpos exteriores para, formarmos um todo mais potente, quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, sentimos alegria.

Esses estudantes, nas aulas de teatro, potencializam relações com seus corpos e com o dos seus colegas, e com o da professora. Os corpos têm relações de movimento e de repouso, oscilações na potência de ação dependem dos sentimentos de alegria e tristeza. Quando o estudante declara que sente alegria nas aulas, que, quando deixa a aula, ele o faz de modo diferente de quando entrou, está justamente expressando aquilo que Espinosa fala quando diz: “Quando falo de uma força de existir maior ou menor que antes, não entendo que o espírito compara o estado presente do corpo com o passado, mas que a ideia que constitui a forma do afeto, afirma do corpo algo que envolve efetivamente mais ou menos realidade que antes”. (DELEUZE, 2002, p.25)

Nosso poder de sermos afetados explica-se pela potência de compreender, essa afirmação reforça o depoimento dos estudantes, quando dizem que os exercícios vivenciados por eles os auxiliam na compreensão de conceitos de outras disciplinas, agindo como meio facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Tudo o que é mau mede-se pois pela diminuição da potência de agir (tristeza – ódio); tudo o que é bom, pelo aumento dessa mesma potência (alegria – amor ). Para Espinosa, tanto o Bem como o Mal não tem sentido. “Um e outro são seres de razão, ou de imaginação, que dependem totalmente dos signos sociais, do sistema repressivo das recompensas e castigos”. (DELEUZE, 2002, p. 43)

Os estudantes narram que saem das aulas de teatro alegres, mais dispostos a estudar, ou, podemos dizer, mais potentes, assim sendo, mais preparados para enfrentar os desafios do cotidiano, mais aptos a se formarem como seres completos, ativos para desempenharem seus papéis na sociedade, pois o conhecer depende do entendimento e da vontade, o conhecer prolonga-se nos dois tipos de afetos e de consciência, porém, potencializar pela alegria e pelo amor vai ao encontro da verdadeira finalidade da educação, a felicidade.

Na EEB Dom Jaime, acontecem apresentações de trabalhos bimestrais e o Festival de fim de ano, em que os estudantes criam formas de apresentações artísticas, com objetivo pedagógico de inserir a arte no processo ensino-aprendizagem, interdisciplinarmente. Esses momentos têm nos mostrado que as artes revelam talentos e habilidades que, no cotidiano escolar, passam despercebidos. Por meio das manifestações artísticas, os estudantes revelam o conhecimento adquirido de maneira criativa.

Para essas atividades, os estudantes são estimulados a materializar os conceitos que foram pesquisados, produzem expressões criativas, onde suas ideias potencializam ações e seus corpos potentes em ação agem em uníssono, o ser completo se faz presente. Observamos que alunos que frequentam as aulas de teatro se mostram mais receptivos a esses exercícios artísticos, e que desenvolvem com maior desenvoltura, desinibição, apresentações de boa qualidade artística, demonstrando terem se apropriado dos conceitos.

É também relevante que, durante o ano letivo, mudanças positivas de comportamento podem ser observadas em muitos adolescentes, é notável o processo de sociabilidade, e interação entre os estudantes que frequentam as aulas de teatro, e os demais alunos de turmas diferentes das que pertencem, produzindo afetos ativos.



Os alunos no início do ano letivo optam por uma modalidade da grade cultural para cursar durante todo o ano. Sendo assim, forma-se uma turma específica para as aulas de teatro, que agrega todos os alunos que escolherem por teatro, da primeira série e da segunda série do ensino médio. Dessa maneira cada aluno pertence à determinada série, ex: aluno que pertence à turma 101, também faz parte da turma de teatro. Essa dinâmica possibilita aos estudantes novas redes de relacionamento.

Desenvolver a expressão corporal é uma das metas a serem alcançadas nas aulas de teatro, assim como a desinibição e autoconfiança, também o espírito de grupo e a sociabilidade, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades específicas e para a formação geral do indivíduo. Nesse sentido, entendemos que a exploração da matéria do teatro – o gesto – experimentada fisicamente no jogo, facilita a conquista gradativa da expressão física e impulsiona o processo de conhecimento. Trabalhar o *gestus* pode referir-se a um movimento de mão, ao ritmo das palavras, à estrutura das frases, ao embate de tons, à sequência de palavras e linhas em uma poesia e abrange todo o trabalho do ator.

Dessa maneira, trabalhar com teatro, através dos jogos teatrais, é uma das formas de trazer de volta o movimento que é inerente ao corpo, devolvendo-lhe a expressão criativa, que dentro do processo de aprendizagem pode significar dar aos sujeitos autonomia e ferramentas para o desenvolvimento integral do ser humano, ou seja, visando à passagem de uma perfeição menor a uma perfeição maior, considerando um ganho de potência, cuja qualidade Espinosa chama de Alegria. A experiência predominante dos estados de alegria nos processos de aprendizagem, incluindo a singularidade de cada aluno, traduziria uma vida feliz. É isto que buscamos. Resta saber até que ponto a educação escolar torna este objetivo possível.

## Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles. **Espinoza: Filosofia prática** – São Paulo. Escuta 2002.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos Teatrais**. São Paulo. Perspectiva , 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NEVES, Libéria Rodrigues. **O uso dos jogos teatrais na educação**: Possibilidades diante do fracasso escolar. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar**: práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac & Naify 2009.

SOARES, Carmela. **Pedagogia teatral, uma poética do efêmero: o ensino do teatro na escola pública**. São Paulo: Hucitec, 2010.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A arte do espetáculo vivo e a construção do conhecimento: Vivenciar para aprender**.

BRASIL. Secretaria da educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na sala de aula**. São Paulo. Perspectiva, 2007.

\_\_\_\_\_, **Improvisação para o Teatro** (tradução e revisão Ingrid Dormien Koudela e Eduardo José de Almeida Amos). São Paulo: Perspectiva, 2010.